

# OS SUCESSORES



Sandra Russo

# OS SUCESSORES

VOLUME I

Edição do autor

São Paulo, 2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

R969s Russo, Sandra

Os sucessores / Sandra Russo. - São Cactano do Sul, SP : Sandra Regina dos Santos Russo, 2018.  
458 p. ; 14cm x 21cm.

Inclui índice.

ISBN: 978-85-906499-0-8

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

2018-1488

CDD 869.89923

CDU 821.134.3(81)-31

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Romance 869.89923
2. Literatura brasileira : Romance 821.134.3(81)-31

*Dedico este livro ao ator Rubens de Falco (in memorium).*

*Agradeço à Mércia Barusso por ter lido todo o manuscrito,  
comentários e valiosas sugestões.*

*Agradeço à Maria de Lourdes Vechia, minha professora de português.*

*Ao amigo Cláudio Feldman pelo incentivo.*



# SUMÁRIO

PRÓLOGO .....	11
CONTRATO MILIONÁRIO .....	33
EMBARGO .....	62
COMBATE .....	106
BRISA .....	130
RYOKAN .....	161
BAIACU .....	184
CORPO DELITO .....	213
ONG .....	240
EROSÃO .....	279
ESTOURO .....	323
RAPEL .....	369
QUERARI .....	398
SENTENÇA .....	435



*Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.*



## PRÓLOGO

A pequena baía de pedras grudada a uma encosta da Serra da Jureia proporciona o refúgio ideal, um perfeito esconderijo.

Quem segue pelo asfalto na direção da Barra do Una não nota o desvio. Não há placa alguma indicando o acesso para aquela língua de areia, protegida dos ventos oceânicos.

Uma estradinha de terra íngreme, que poucos conhecem, conduz a um precipício de palmeiras.

Algumas casas de veraneio luxuosas, praticamente invisíveis em meio à vegetação preservada de Mata Atlântica, espreitam o temperamental Atlântico, com suas águas de um azul, ora cris-

talino, ora turvo.

Um ou outro iate passa a quilômetros de distância do paraíso ecológico.

Apenas duas residências ficam de frente para a praia, separadas por mais de quinhentos metros uma da outra.

Uma delas pertence ao ex-coronel Jardel de Freitas.

Ele levantou-se bem cedo para executar alguns katas com o sol ainda morno. Primeiramente se concentrou na postura, força e respiração. Depois treinou técnicas mais complexas que exigiam movimentos mais rápidos e sincronizados.

Nadou cerca de quarenta minutos e fez uma pausa para o almoço mantendo uma dieta equilibrada à base de peixes e frutas.

Após um breve cochilo, instalou-se na varanda, lendo os jornais, ladeado por sanhaços escarlates que vinham beliscar fatias de mamão.

No meio da tarde vestiu uma bermuda preta de elastano que lhe dava quase pelos joelhos e retomou os exercícios.

As ondas bem mansas chegavam preguiçosamente à orla.

De uma enorme pedra cinzenta, que parecia ter brotado do solo, Dalcídio, um de seus guarda-costas, apenas observava.

O chefe não gosta de ser importunado quando se exercita.

Tem um metro e setenta e cinco de altura, quase cinquenta anos; mas cuida da forma física com tanta disciplina e tenacidade, que aparenta bem menos. Vaidoso. Cabelos impreterivelmente pretos. Apreciador de artes marciais. Refazer séries de movimentos de ataque e defesa é um de seus passatempos preferidos, quase uma obsessão.

A mente é tão ágil quanto o corpo.

Trabalha compulsivamente.

Dalcídio estranhou quando foi comunicado que viriam para a praia.

O chefe bem que precisava de um merecido descanso após a agitada semana que enfrentou. A Petra, empreiteira de renome internacional, na qual ocupa o cargo de diretor de patrimônio, disputa a licitação para construir mais uma hidrelétrica.

Desta vez, perto de São Gabriel da Cachoeira.

Para Dalcídio apenas um nome exótico.

A cidade faz fronteira com a Colômbia e a Venezuela.

Abriga o Parque Nacional do Pico da Neblina e é considerada área de segurança nacional; possuindo oitenta por cento de terras indígenas, literalmente assentadas sobre explosivas jazidas minerais.

A construtora teve que negociar com o exército – o Quinto Batalhão de Infantaria de Selva tem sede ali – com vinte e duas etnias indígenas, com ambientalistas, políticos e concorrentes; gente ambiciosa de todo tipo, disposta sempre a vencer.

A Petra irá erguer as comportas.

Outros ficarão responsáveis pelos equipamentos de última geração que controlarão geradores, turbinas e transformadores.

Um mundo competitivo dos diabos; pensou Dalcídio, observando que Jardel terminara um “balé da morte” e partia para um confronto imaginário com um adversário portando bastão; sua sombra dançando sobre a areia fofa.

Incomodado com o sol forte, o gigantesco guarda-costas abandonou seu mimetismo junto às rochas e buscou uma sombra para a sua massa compacta de músculos.

Nesse trecho da planície costeira, na época das chuvas intensas do verão, brotam riachos, com muita água pura e transparente.

Nascem do alto da serra e espalham-se como raízes borbulhantes. Ali estava um deles, convidativo; a superfície verde-musgo espeelhando a vegetação nativa.

Sentindo sede, Dalcídio abaixou-se usando uma das mãos

como concha.

De repente ouviu-se o motor de uma lancha rasgando o mar em alta velocidade, erguendo uma surriada.

Vários disparos de metralhadora pipocavam a esmo.

Ricocheteando na superfície do oceano, pareciam formar pequenos e graciosos chafarizes; perdendo-se em terra seca, voavam em todas as direções.

Por alguns segundos Dalcídio permaneceu inerte, pasmo; até se dar conta que Jardel se colocara ao seu lado, agachado como um coelho.

– Para a mata! – ordenou Jardel notando que dois atiradores saltavam da lancha.

Num piscar de olhos ambos estavam junto ao riacho.

No começo, meio atrapalhados, patinando dentro do remanso escorregadio, repleto de húmus.

Depois, mais ágeis, saltando as pedras lisas e um par de cascudos. Camuflaram-se entre um punhado de epífitas, bromélias, orquídeas, líquens e outras árvores que crescem agarradas umas às outras.

Dalcídio que, a princípio, sentira alívio ao livrar-se daquele cheiro enjoado e pegajoso de mar, agora era atacado por borrachudos famintos.

O chefe, coitado, sem camisa, sofria o dobro.

Insaciáveis, os insetos não davam trégua. Entravam pelo nariz.

Instalavam-se nos ouvidos como inquilinos birrentos.

Os homens armados viram a direção que Jardel tomou e não se intimidaram em entrar no sub-bosque. Estavam determinados.

Suas roupas de neoprene protegiam quase a totalidade de seus corpos contra o ataque impiedoso dos pernilongos.

Saltaram a corredeira.

A passagem ruidosa deles assustou uma garça branca.

Avançaram mais uns metros riacho acima, mas logo se sentiram

perdidos em meio à densa vegetação.

Hesitaram sobre que direção tomar. Decidiram se separar quando a trilha terminou e atingiu a nascente.

Jardel e Dalcídio os aguardavam como uma traíra escondida à espera da presa.

O primeiro a cair na armadilha foi o que optou pela esquerda.

Jardel saltou por cima dele, desarmando-o. Não com muita eficácia.

A metralhadora disparou, alertando o comparsa, que tentou retornar para a trilha. Não conseguiu ir muito longe. Dalcídio o surpreendeu, estrangulando-o, sufocando-o como uma jiboia.

O outro partiu para a luta. Jardel reagiu.

Acuado, o mergulhador recorreu a uma faca de caça e pesca que trazia junto ao corpo.

Jardel se esquivou atingindo-o com uma joelhada no tórax.

Apanhou um pedaço de madeira e golpeou-lhe a cabeça com força.

O homem perdeu o equilíbrio, olhos girando dentro das órbitas.

Chocou-se contra um tronco de guatambu e caiu sobre uns fungos orelha-de-pau, manchando-os de sangue; o líquido cefalorraquidiano saindo pelo nariz e ouvido devido à fratura do crânio.

Ofegante Jardel observa o homem moribundo.

Dalcídio reapareceu trazendo a submetralhadora a tiracolo.

De posse da arma, ambos retrocederam até a praia.

Avistaram a lancha com o motor desligado, flutuando sobre as águas.

– Eu vou até lá – adiantou-se Jardel dando um passo a frente.

– De jeito nenhum! O senhor seria um alvo fácil.

Jardel suspirou resignado. Precisava planejar uma abordagem segura.

•

As duas taças de champanhe encostam uma na outra e o tilintar do cristal afaga os ouvidos.

– Feliz aniversário, meu amor!

Elizabeth abre a caixa e contempla o solitário.

– Vai me dizer que não gostou?

– É lindo – responde mecanicamente fechando a tampa. E a nossa viagem para o Taiti?

– Terá de ficar para depois. Estamos nos digladiando com um monte de concorrentes. Culpa da globalização.

Elizabeth pousa a taça sobre a mesa com toda delicadeza.

O garçom recolhe o prato de porcelana onde serviu a sobremesa.

– Você prometeu que teríamos uma segunda lua de mel.

– Mas não tivemos?! Ontem à noite. Ou você já esqueceu? – insinua o marido com voz sensual.

O garçom retorna solícito.

– Dois cafés, por favor – ordena Deigles.

Uma mulher ruiva, trajando um vestido de sereia lilás, passa em frente do casal, olhando sem o menor constrangimento para o loiro arrebatador. Deigles corresponde e leva um beliscão.

– Ai! O que houve?! Isso são modos de me agradecer?

– De onde você conhece essa lambisgoia?

– Não começa!

– Foi você que olhou para aquela vagabunda!

Elizabeth gira a cabeça para trás tentando localizar a ruiva.

– Não vai estragar a nossa noite com esse seu ciúme doentio – apela tentando acalmá-la.

– Quer dizer que a louca sou eu?

Deigles suspira fundo. Gesticula para o garçom pedindo a conta.

Quando ele se afasta, Deigles estende sua mão, o relógio Rolex ornando o pulso firme. Aperta a mão direita dela, que se retrai.

– Meu amor, só existe você na minha vida!

## PRÓLOGO

Elizabeth encara-o com cortesia fingindo que acredita.

O garçom retorna.

O marido, confiante, digita a senha do cartão de crédito.

Manfred, um dos servidores de Deigles, aproxima-se da mesa de forma discreta e sussurra-lhe algo ao ouvido.

– Vou ter de deixá-la sozinha por um breve instante – comunica galanteador levantando-se. Não desfaleça – ironiza com sutileza antes de se afastar, seguindo Manfred.

Elizabeth acompanha-os com o olhar até que se ocultem junto a uma bancada de madeira onde garçons ocupados preparam drinks para seus clientes.

Manfred entrega-lhe o bilhete da ruiva, um recado rústico, escrito com batom vermelho. Deigles abre um largo sorriso.

•

A imagem projetada na tela é de um OVNI.

O disco voador prateado inserido numa galáxia revelada pelo Hubble fica ainda mais impressionante.

A sala do auditório improvisado, uma tenda montada ao ar livre, repleta de cadeiras brancas de plástico, está na penumbra e os aficionados pelo fenômeno nem piscam.

– O último caso foi há sete meses. Peruíbe está sem dúvida na rota dos UFOs – profetiza o palestrante em tom sombrio.

Enzo está tão absorto que demora a sentir o celular vibrando na cintura.

Verificando o número sabe que sua única opção é atender.

Percorre toda a fileira arrancando reclamações ao atrapalhar a visão.

Todos estão atentos à lenda de Jurupari, segundo a qual seres provenientes do espaço sideral teriam habitado uma Peruíbe feita de pirâmides de vidro; extinta por uma erupção vulcânica.

Enzo afasta a cortina preta que faz a vez de porta.

O céu, de tão estrelado, chega a hipnotizar quem ousa olhar para ele.

– Alô?

– Alô, idiota! – berra Jardel andando de um lado para outro na varanda espatifada de sua casa de veraneio. Onde você está?

– Aaahh... Algum problema, Dr. Jardel?

Jardel olha para fora e, para ele, a Via Láctea inteira, servindo de cauda para a lua cheia que se debruça sobre um oceano traiçoeiro e escuro, não tem romantismo algum.

– Você não devia estar vigiando a casa?

Enzo troca o fone de ouvido.

– Tava tudo tranquilo. Eu dei uma saidinha.

– Com ordem de quem?

– Estou a menos de vinte minutos de distância. O senhor quer que eu volte?

Dalcídio e Evandro – outro guarda-costas de Jardel – passam por ele, arrastando um cadáver.

– Chegaria atrasado para o banquete.

– Como?!

Há um longo silêncio, de irritação.

– O senhor precisa de mim? – insiste o jovem surfista.

– Felizmente estou vivo para precisar. O que você está fazendo?

Enzo hesita. Melhor falar logo.

– Estou numa palestra sobre UFO.

– Palestra de UFO! – repete Jardel para si mesmo estupefato.

– Está muito interessante! Aconteceu alguma coisa grave?

– Um ET comeu o meu rabo!

– Doutor... – censura-o com suavidade.

Evandro passa por Jardel varrendo os cacos de vidro.

– O senhor não acredita nesses fenômenos, mas eles existem. Há coisas muito misteriosas neste mundo.

## PRÓLOGO

- Como assessores que desaparecem sem avisar.
- É sim. Acabaram de narrar um caso de abdução que aconteceu em agosto – prossegue empolgado.

Jardel leva a mão à orelha direita. Está sangrando.

Provavelmente um estilhaço insignificante.

– Uma bola de luz esbranquiçada fazendo uma trajetória em parabólica para os lados de Queimada Grande caiu no mar e uma família inteira de pescadores desapareceu.

– Incrível! – comenta Jardel sarcástico.

– Sinal de luz no céu. Minha vó dizia ser o fim dos tempos.

– Termine a sua palestra – determina Jardel cortando a ligação.

– Alô? Alô? – insiste Enzo desapontado.

Uma desilusão passageira.

Ouvindo o eco dos aplausos, retorna para o auditório, esquecendo Jardel e seus dilemas. Espera não ter perdido a melhor parte.

•

O Porsche adentra o estacionamento do Hotel Hilton.

As imediações neste horário fervilham de encontros amorosos nada convencionais. O hotel resiste à fama de sua vizinhança, fincado como um mastro no centro da cidade; lotado de turistas ingênuos, assaltados assim que colocam o pé na calçada.

Deigles sobe pelo elevador até o quinto andar.

Uma ruiva! Faz tempo que ele não transa com uma ruiva.

Tem dificuldades em se controlar.

Para em frente ao quarto quinhentos e dezoito, conferindo o número no papel toalha; que ela beijou, estampando o formato dos lábios, carnudos, deliciosos. Ele bate à porta com o punho fechado.

A porta entreabre. Sua excitação atinge o clímax.

•

Calor insuportável, chuva; mas os fãs persistem.

A banda Moo é o evento do ano na cidade.

Entre os milhares que aguardam o início da apresentação estão alguns dos funcionários da construtora. Amigos inseparáveis, dentro e fora do ambiente de trabalho, o cerne do grupo é formado pelas secretárias da diretoria executiva, Ivone, Zulma e Magda; da gerência comercial, Rosana, Adriana, Cecília e Simone, estas mais jovens.

Se casadas, os homens as acompanham quase sempre.

O show foi mais um pretexto para se divertirem juntos.

Cecília quase desmaiou ao ver o melão dourado de trinta metros, que identifica o grupo musical.

Agora ela grita e se descabelava.

O marido, Marcos, procura relevar o vexame.

Ele e Beto compram cerveja de um ambulante a preços nada razoáveis.

Zulma não está com sede, mas com fome.

Com tanta fome, que vê minipizzas de mussarela com graciosas rodela de tomate, desfilando no palco e cumprimentando os músicos.

Como a empresa responsável pelos pisos móveis que cobriram o gramado do Morumbi é um dos fornecedores da Petra, as secretárias puderam acompanhar os bastidores do evento e garantir seus ingressos com bastante antecedência. Os lugares quase no gargarejo, no entanto, juram; foi uma questão de sorte.

Uma flautista executa um interlúdio. Logo Fox Moo estará ali, sua imagem transmitida pelo maior telão de LED até então concebido.

– Meus pés estão me matando – desabafa Simone, a esposa de Beto.

– Também! Estamos aqui há horas! – queixa-se Rosana.

– Eu não me importo nenhum pouco! – suspira Ciça prestes a ver

o ídolo em carne e osso. Ele vai me chamar para subir no palco.

– Nem morto! – contesta Marcos.

Zulma lembra-se que tem balas para emergências no bolso da calça.

O ruído do papel celofane sendo desenrolado irrita Rosana.

– Dá para parar com esse barulho?

– ...qzcuê...? – indaga com a boca cheia.

– Ah! Rô! Com tanto som explodindo a nossa cabeça, você vai logo implicar com o papelzinho da bala? – argumenta Simone apontando para Zulma que concorda com a cabeça e luta com o caramelo que grudou no céu da boca.

– Ela só pensa em comer! – desabafa Rosana.

– Eu também estou com fome – defende Simone.

– Não vamos nos estressar, meninas! Só mais um pouquinho! – vibra Cecília. O Fox Moo vai me chamar para subir no palco e eu viverei feliz para sempre!

– Você disse isso para mim quando nos casamos! – cobra Marcos.

– Ela delira – justifica Magda.

– Eu não sei o que esse sujeito tem que eu não tenho – declara Marcos aborrecido cruzando os braços diante do peito.

– Milhões de dólares? – sugere Rosana. Não concorda, bem? – afirma buscando o apoio do marido, que checava as horas no relógio de pulso pela enésima vez.

Promovido a gerente comercial há pouco tempo, Cesário começa a sentir a inadequação de seu novo status social. Ele não se sente mais tão à vontade como antes. Está ansioso para que o show acabe logo.

– O duro é trabalhar na mesma empresa que a esposa e ter de ouvir piadinhas sobre o caso dela com um músico famoso – enfatiza Marcos.

– Pior a Magda que tem um caso com o Jardel – debocha Rosana.

- Eu?! Um caso com aquele energúmeno?! Quero mais é distância!
- Ele está na praia, de férias – revela Cesário.
- Temos que aproveitar a ausência dele ao máximo! – frisa Magda.
- O Jardel de férias?! – admira-se Simone. Isso para mim é novidade.
- Não são férias – corrige Ivone sempre bem informada. Apenas alguns dias.
- Que pena – lamenta Magda. Passa tão rápido!

•

O amanhecer vai abrindo um rastro dourado na superfície do mar.

A linha do horizonte ainda está mergulhada num breu aveludado e os pescadores em seus barcos imprimem suas vigorosas silhuetas no cenário de sombra e luz. Evandro coloca a bagagem sobre o piso de ardósia e abre o porta-malas do carro.

Jardel é surpreendido pelo vizinho, da outra casa, que dista meio quilômetro. O que será que ele deseja? Aciona o portão automático.

- O senhor está de saída?! – pergunta o velho enxerido.
- Parece que sim.
- Mas... o senhor acabou de chegar!
- E daí?
- Dr. Jardel... – ousa aproximando-se e avançando dentro da garagem. Eu ouvi uns zunidos ontem à tarde. Parecia tiro.
- Eu não ouvi nada.
- Como não?! Foi assustador! Minha mulher e eu pensamos até em chamar a polícia.

Jardel troca um olhar indecifrável com Evandro e Dalcídio.

- Deve ter sido imaginação.
- Tá me chamando de gagá?

## PRÓLOGO

- Absolutamente.
  - E depois, altas horas da noite, uma bola de fogo sobre o mar.
  - Um meteorito – sugere Jardel dando-lhe corda.
  - Foi no mesmo lugar onde ancorou aquela lancha.
  - Uma lancha? Ouvei dizer que era OVNI – confia Jardel abaixando o tom de voz.
- Evandro afasta-se para rir.
- O senhor acha que...
  - Demos sorte por não termos sido capturados por uma patrulha extraterrestre. Agora, o senhor me dá licença, que não quero pegar muito trânsito na subida da serra.
- O homem aparvalhado ergue a cabeça e nota a varanda destruída.
- O que houve com sua vidraça?!
  - Espatifou com o vento.
  - Desse jeito?! Parece que alguém jogou uma granada!
  - Até logo, senhor Almeida.
- O velhinho corre atrás de Jardel imprimindo velocidade às suas pernas finas e magras; barrando-o antes que entre no automóvel.
- Sendo mais preciso, vi o senhor fugindo para a mata e dois mergulhadores perseguindo-o.
  - Eram meus sobrinhos brincando de esconde-esconde – corta-o entrando no veículo e batendo a porta.
  - O senhor pensa que me engana?
  - Eu não penso nada. Cuide da sua vida.
  - Não vou tomar conta da sua casa, tá me ouvindo? – grita sendo abafado pelo ronco do motor.
  - Eu não lhe pedi coisa alguma – faz questão de revidar Jardel abaixando o vidro. Dalcídio feche o portão.
  - Tomara que uma pomba defeque na sua cabeça! – pragueja o ancião enquanto o carro manobra suavemente.

•

Enrolado num lençol branco, andando de um lado a outro no quarto do hotel, Deigles disca novamente para o mesmo número.

– Residência do Sr. Deigles Jesséfer.

– Manfred, quando é que você vai aparecer com minhas roupas?  
– clama desesperado.

Manfred ergue os olhos.

Degraus parecem flutuar.

Num formato de caracol interligam a ampla sala ao piso superior.

– A D. Elizabeth ainda não saiu do quarto. Estou esperando uma oportunidade para entrar lá – complementa Manfred.

– Traga dinheiro também. Tem mais uma diária vencendo.

Elizabeth aparece no topo da escada.

– Manfred, o Deigles ainda não deu notícia?

– Não senhora – grita de volta para ser ouvido por ela com clareza.

– Vou capar aquele maldito! – ecoa a voz dela.

Deigles dá uma olhadinha no membro desfalecido debaixo do lençol.

– Quem é ao telefone? – pergunta curiosa.

– Se você abrir essa boca... – adverte ao cúmplice.

– Ah! – gagueja Manfred olhando desconcertado para o aparelho.

É o Dr. Awsféber querendo saber se eu posso acompanhá-lo. Tem uma reunião na construtora.

– Não. Preciso de você para levar o Dreyfus para a escola – determina Elizabeth.

– Sinto muito Dr. Awsféber. Talvez uns dos servidores do Dr. Jardel esteja disponível.

•

O Ford Ranger azul cabine dupla atinge a alça de acesso da Rodovia Imigrantes antes das dez horas da manhã.

Um marco de engenharia, a estrada liga a cidade de São Paulo ao

litoral. Três faixas de tráfego, onze túneis e vinte viadutos, cujos pilares foram feitos na rocha com até quarenta metros de profundidade e cujos muros de contenção suportam até sessenta toneladas; serpenteiam a serra revelando a exuberância da mata, cachoeiras intocadas, vales ondulados que se agigantam à medida que a neblina cede espaço.

Apenas a pista ascendente está concluída.

Do mirante é possível ver trechos do mar brilhando lá embaixo, típico de mais um dia ensolarado e quente de janeiro.

Quando cruzam o oitavo túnel um dos homens quebra o silêncio.

– Chefe; será que ele viu alguma coisa?

Pensativo, o queixo apoiado sobre a mão direita, apreciando a paisagem, Jardel custa a perceber que Evandro está falando com ele.

– Uuh? Quem? Aquele velho esclerosado? Claro que não! O que ele pode ter visto? Estava muito escuro.

– A lancha – mete-se Dalcídio.

– Uma lancha buscando onde atracar, nada mais. Não encontrou mesmo nenhuma identificação nos corpos?

– Não, nenhuma – confirma Evandro.

– Quem será que os enviou? – pergunta-se Jardel intrigado.

– Não facilita com a segurança, chefe. Desde que vocês se meteram nesse projeto de São Gabriel coisas esquisitas têm acontecido – observa o prestativo Evandro.

– É mesmo! Até o Enzo passou a acreditar em OVNI.

Os quatro riem quebrando a tensão.

– Foi melhor ele não estar por lá. Na certa, estaria morto – declara Evandro convicto, dando seta à direita e abrindo passagem para um carro ultrapassar.

– Por que diminui? – questiona Jardel.

Evandro checa o detector de radar.

- Polícia Rodoviária logo à frente.
  - Não é ilegal ter esses aparelhos? – pergunta Vinícius como se prezasse pela lei.
  - Todo mundo tem – responde Evandro com naturalidade.
  - Ele viu a lancha explodir – retoma Dalcídio.
- Jardel divaga – Pode ser. Mas não sabia do que se tratava.
- Vai deixar testemunhas? – pontua Vinicius provocativo. Não é bem o seu estilo.
  - Se eu precisar da sua opinião, eu peço – corta-o Jardel.
- Um policial movimentava os braços indicando que o veículo deve parar para ser fiscalizado.

•

- Deigles veste as calças e abotoa o cinto.
- Nunca tive problemas com ruivas antes!
- Manfred continua rindo sem nenhuma cerimônia.
- Deigles aproxima-se da janela.
- O som de carros buzinando vindos da rua movimentada logo abaixo indica que a rotina da cidade se impõe.
- Ela o drogou?
  - Boa noite cinderela – confirma vestindo a camisa. Apaguei!
  - Como o senhor foi cair numa dessas, logo o senhor!
  - O que eu vou inventar para a Elizabeth? – pensa em voz alta enquanto faz o nó da gravata.
  - Para ela não sei, mas o Dr. Gerd convocou uma reunião e o Dr. Jardel vem subindo a serra.
  - Ele não ia se isolar do mundo por uma semana? Mudou de planos assim de repente?
- Manfred dá de ombros.
- Ele é assim mesmo.

•

## PRÓLOGO

Raios de sol incidem sobre o logotipo onipresente da Petra S/A. A pirâmide retorcida adquire um tom abrasivo.

Refletindo o rio poluído na sua fachada de vidro, o prédio sede da construtora fica na Marginal Pinheiros, do lado oposto ao jôquei clube.

Foi construído com tecnologia de ponta: fibras de absorção acústica nas paredes, dezessete bombas de água gelada contra incêndios, reaproveitamento da água da chuva, elevadores com sistema de antecipação de destino e climatização, garantindo sempre uma temperatura interna agradável.

Diretores e assessores estão reunidos no décimo quinto andar.

As secretárias conferem as luminárias individuais, papel e caneta.

– Magda, peça para a Fátima trazer uma jarra d’água – ordena Gerd, o presidente.

– Vou providenciar – aquiesce a secretária executiva saindo da sala.

– Quem está faltando? – checa Gerd com Awsfêber, que está sentado à sua direita.

– O Deigles.

– Telefone para ele.

Awsfêber religa o celular.

– O Jardel vai chegar a tempo? – pergunta Gerd para Olson.

– Ele me garantiu que sim – enfatiza o holandês.

– Por que ele voltou tão depressa da praia? – quer saber Gerd.

– Ele teve um contratempo – responde sucintamente Olson.

•

Enquanto o policial rodoviário checa a habilitação de Evandro e os documentos do carro, Jardel relembra e ordena os fatos das últimas horas, desde de quando decidiu tirar cinco dias de férias da construtora.

Tudo corria bem até aquela lancha aparecer no azimute de águas azul-esverdeadas do oceano e aqueles homens saltarem dispostos a matá-lo.

Foi mesmo providencial Enzo ter saído da casa antes que jogassem uma granada na vidraça da frente e revirassem tudo.

O que será que estariam procurando, questiona-se o ex-coronel pensativo, deslizando o dedo indicador da mão direita vagarosamente sobre o bigode sedoso.

Felizmente Evandro e Péricles conseguiram abater a tiros os homens que invadiram a casa.

Enzo não estaria preparado para lidar com isso. Menos ainda para arrastar os corpos para a lancha e explodi-la no meio da noite.

E se o vizinho, aquele velho xereta, viu mesmo alguma coisa?

Jardel não gostaria que pessoas inocentes fossem afetadas pelas disputas de poder dentro da organização.

– Posso ver o porta-malas? – pede o policial educadamente, interrompendo seus pensamentos.

– Sem problemas – responde Evandro abrindo a porta do motorista para descer do carro.

O guarda pende a cabeça para frente e espia os outros ocupantes. Instintivamente ele tem certeza que não se trata de meros veranistas.

Há algo errado. Observa o banco detrás.

Dois homens estão ali, quietos.

Um gordo que lhe evoca um lutador de sumô e um homem de meia idade com uma postura de lorde, olhos azuis, bigode bem aparado.

Na mão direita ele ostenta um anel de esmeralda e ouro que cintila conforme a luminosidade do dia o alcança.

Talvez seja um advogado ou coisa assim.

## PRÓLOGO

No banco da frente, ao lado do motorista, um jovem de bermuda, camiseta e óculos escuros finge ler um gibi.

Evandro desce do Ford Ranger e escancara o porta-malas.

Há apenas uma caixa de isopor.

– O que tem dentro da caixa?

Evandro prontamente destampa a caixa.

Há refrigerantes, sucos, frios e frutas.

Nenhuma bebida. O homem fica ainda mais desconfiado.

Não encontrando nada que possa formalizar uma infração de trânsito – todos os documentos rigorosamente em dia – ou nenhum dado relevante para fundamentar suas suspeitas, o policial vê-se forçado a liberar o veículo. Encara Evandro frustrado.

– Tenha uma boa viagem, senhor.

– Obrigado – agradece Evandro pegando os documentos de volta.

•

Enzo caminha pelo Deck do Pescador que fica na ponta da praia de Santos e oferece uma vista privilegiada das embarcações e da orla.

Não está muito lotado ainda.

O movimento é maior pela manhã quando os navios de temporada atracam ou ao entardecer quando o pôr do sol contribui para as fotos mais bonitas.

No momento, os frequentadores são os entusiastas da pesca e alguns amigos que usam o local como ponto de encontro.

Como castigo por ter abandonado o seu posto, Enzo recebeu a incumbência de descobrir alguma coisa sobre a lancha com bandeira de Mônaco.

O registro foi feito no exterior através de uma empresa offshore portanto a identidade do proprietário está protegida e sua verdadeira cidadania não é revelada.

Enzo para para apreciar a vista, apoiando as mãos no baluarte de madeira. Coça o nariz incomodado. Os navios que descarregam farelos e grãos espalham uma camada de poeira amarela.

Além disso, a brisa marítima suave vem impregnada de uma mistura de fedor de peixe e esgoto.

Ficou horas esperando que alguém aparecesse à procura dos tripulantes ou acionasse a Capitania dos Portos para localizar a lancha ou comunicar o aparecimento dos destroços levados pela maré.

Nada aconteceu.

Jardel não ficará nenhum pouco satisfeito por ele não ter coletado as informações que esperava.

Ele está coberto de razão: tudo nesta história cheira mal.

•

Deigles tenta se reconciliar com a esposa.

Sua feição é de assombrosa penitência.

– Assaltado? – questiona Elizabeth não lhe dando crédito.

Deigles simula sentir dores na nuca.

– Deram uma pancada na minha cabeça. Fui amarrado e socado no porta-malas.

– E nem amassou o terno! – admira-se a socialite.

– Levaram o dinheiro, documentos, celular – prossegue não fazendo caso da observação mordaz.

– Por que não me ligou da delegacia?

– Achei... melhor avisar o Manfred. Não queria assustar você.

Elizabeth ostenta um olhar acusador.

Sapateia de um só pé, batendo a ponta do salto alto no piso de imbuia.

– E por que você está com esse terno azul, se quando deixamos o restaurante você estava de marrom?

## PRÓLOGO

– Aaaah! Pois é! É que depois que eu deixei você em casa e sai para atender o... – com quem mesmo ele disse que iria se encontrar? – ... o prefeito... no caminho... eu pensei... melhor trocar de roupa para causar uma impressão mais neutra.

– E de gravata também?

– É! Aquela de listas douradas não combina com azul-marinho.

– E aposto que os sapatos marrons também não eram condizentes. Deigles olha para os próprios pés antes de encará-la novamente. Ela lhe dá as costas e se distancia a passos rápidos.

– Nem na noite do meu aniversário você é capaz de me respeitar!

– esbraveja subindo a escada.

– Meu amor! Nem é nada disso! Eu juro!

Ela volta-se, bufando de raiva, o rosto vermelho, os movimentos tensos.

– Estou farta das suas desculpas.

– Elizabeth! Espere. Ao menos me escute.

Deigles segue-a escada acima.

– Isso vai lhe custar muito caro.

– Não é o caso, mas... o que você me pedir... eu terei imenso prazer e alegria em atender. Eu vivo para te fazer feliz.

– Chega! Não quero mais vê-lo nem pintado de ouro.

– Não fique tão zangada.

– Mentiroso de uma figa.

Deigles não se dá por vencido.

Prensa-a conta a parede e acaricia suas nádegas.

– Posso lhe provar agora mesmo que estou dizendo a verdade.

Ela o empurra, desvencilhando-se dele numa fracassada tentativa de arremessá-lo escada abaixo.

Do piso térreo, Manfred e Lamartine não perdem um só lance.

– Peça o que você quiser – implora o loiro sedutor.

– Sua Ferrari.

Deigles hesita. O embate prossegue no corredor.

– Meu amor! Vamos conversar!

– Converse com aquela biscate do restaurante.

– Mas... Elizabeth, seja razoável!

– O Porsche, a casa de campo e o apartamento na Ilha Porchat. Cem mil de pensão. Ou melhor, duzentos.

O telefone da residência toca.

– Dr. Deigles é o Dr. Awsféber – anuncia Lamartine estendendo-lhe o fone.

– Aproveite e peça para ele preparar os papéis do divórcio!

Deigles desce a arrojada escada de fatias brancas que pairam suspensas no espaço. Elizabeth ruma para o quarto.

– Vá até a H. Stern e traga o colar de diamantes mais extraordinário que encontrar na vitrine – ordena para Lamartine após encerrar o telefonema.

– Mas...

– Dê um jeito. Estou atrasado.

OS SUCESSORES

*CAPÍTULO I*

## CONTRATO MILIONÁRIO

Enquanto o helicóptero cruza a cidade o empresário reavalia os contratos pendentes.

O pensamento, entretanto, não está voltado para os negócios.

A simples lembrança da ruiva sedutora e perigosa que teve em seus braços o faz suspirar.

A aeronave pende um pouco para a direita.

O congestionamento começa na Praça da Sé e atravessa o Parque do Ibirapuera.

Nenhum problema que um Esquilo não possa resolver.  
Bem que Deigles gostaria de estar, ele mesmo, pilotando este modelo.

Três minutos depois é possível avistar o heliponto na cobertura do edifício de dezessete andares às margens da Marginal Pinheiros.

Deigles desembarca correndo, portando uma maleta prateada.

O vento das hélices ainda ligadas ergue parte do seu paletó, revelando a etiqueta interna Christian Dior, como se houvera ensaiado um comercial para a sofisticada grife.

Dentro do prédio está a maior confusão.

Imagina-se que um redemoinho tenha varrido cada andar.

A nova sede foi inaugurada há três semanas e ainda as coisas não estão nos seus devidos lugares.

Sempre falta alguma extensão de telefone, um vaso para decorar as amplas salas, uma lâmpada.

Secretárias de óculos de aros finos trajando saias escocesas se mesclam aos novos funcionários de calças jeans perdidos nos imensos corredores.

É um corre-corre sem fim.

O jovem vice-presidente não parece se abalar com os ares de set de cinema que tomou conta do edifício e desliza pelo carpete com passos tranquilos e seguros arrancando olhares das moças e senhoras.

Ele chama a atenção por onde passa.

Loiro, de olhos azul-esverdeados, peito largo e um sorriso irresistível; é o tipo de homem com o qual toda mulher sonha.

Galanteador, ele não despreza nenhum suspiro.

Ao entrar na sala de reuniões, hermeticamente fechada, dá de cara com a face zangada de alguns diretores.

– Bom dia, senhores! – sorri cordial.

– Vá direto ao assunto que estamos cansados de lhe esperar –

pressiona Jardel impaciente.

Comenta-se na empresa que Jardel não pode ser contrariado.

Sua voz grave impõe autoridade.

Seus olhos azuis penetrantes sobressaem no rosto ovulado.

O bigode dá-lhe um toque de nobreza.

Deigles tenta se justificar.

– Eu vim o mais depressa que pude.

Gerd, o presidente, pretende manter o cronograma.

– Está certo. Sente-se. Não quero perder mais tempo. Ainda hoje teremos a assembleia de acionistas.

– Está com receio de ser substituído?

– Não seja ridículo! – rebate Gerd sorrindo, seus cabelos grisalhos e abundantes conferindo-lhe um ar paternal.

Reeleito duas vezes consecutivas, Gerd conduz a empresa com firmeza.

Sua gestão é marcada por expansão e lucratividade recorde.

Os problemas começaram apenas no último trimestre.

– Tome cuidado, senhor. Ouvi dizer que o Jardel detém trinta e cinco por cento das ações – adverte sentando-se à direita do presidente, de frente para Jardel.

Jardel sorri enigmático – Sou mais a favor de trocar o vice-presidente.

– Eu já fiz o meu lobby. Quanto a você, pode ir pendurando as chuteiras.

– Por que demorou tanto? – quer saber Gerd.

– Perdoe-me, senhor! A Elizabeth estava emocionalmente instável.

– Outra sereia? – insinua Awsfêber. Ela me pediu para cuidar dos papéis do divórcio.

– Quase me convence a assinar – confessa jocosamente para o cunhado.

Deigles olha para fora por um breve instante.

O céu escureceu de ponta a ponta.

Contrasta com a sala aconchegante e bem iluminada.

– Deu sorte por não ter vindo de carro – comenta Awsfêber.

– Assim economizamos nas multas – complementa Jardel.

– Desde quando vocês pagam minhas multas?

– Desde sempre – assegura Jardel ríspido.

– Até parece que eu sou um irresponsável – afirma em tom de falsa autocrítica.

– Não vou comentar.

– Desovou os cadáveres direitinho? – contrapõe Deigles antes de tomar um gole d’água.

– Conforme o estatuto – garante o diretor patrimonial.

– Quer dizer que alguém lhe fez uma visita surpresa – busca confirmar Joelmir Albuquerque, o diretor financeiro da empresa.

– Muito desagradável – reconhece Jardel, seus olhos azuis vivazes brilhando mais intensamente.

– Por isso, você colocou o rabo entre as pernas e voltou correndo – insulta-o Deigles.

– Eu me garanto – contesta apontando para o próprio peito.

– Não seja pretensioso, Jardel – discorda Deigles. Se o Dalcídio não estivesse lá, você já era.

– O Manfred também deveria estar lá comigo, mas parece que estava evitando que você saísse pelado do hotel.

– Não exagera!

– Do que ele está falando?! – pergunta Cilene surpresa.

– Depois eu explico – desconversa habilmente.

– Ela roubou todo o seu dinheiro. Não sei como deixou o carro – postula Jardel.

– Não encontrou as chaves – responde debochando de si mesmo. Cilene logo deduz tratar-se de mais uma aventura amorosa do irmão.

Se amorosa é o adjetivo certo para tanta lascívia.  
Deigles, como seu pai, não pode ver uma mulher.  
Quer logo conquistá-la.

Cilene achou que quando se casasse o irmão se tornaria mais sensato.

– Está com inveja porque você não transa há muito tempo – declara Deigles tentando menosprezar Jardel.

– Minha vida particular não lhe diz respeito.

– Nem com um carro como o meu você teria êxito.

– Depois eu que sou pretensioso – rebate o diretor.

– Quem incorporou esse Cayenne à frota? – pergunta abrindo a maleta 007 prateada que apoiou sobre a mesa.

– Como se isso fosse relevante.

– É de extrema relevância – retruca cheio de si vasculhando uns documentos ao acaso. As mulheres fazem fila para experimentar, o carro e o dono, evidentemente.

– Eu tenho mais em que pensar. Felizmente passei dessa fase.

A chuva atingiu o seu potencial máximo.

Chicoteia as vidraças com força.

– Eu não ponho a minha mão no fogo por você – provoca-o Deigles. Vai que dentro do pacato Jardel haja um vulcão adormecido prestes a entrar em erupção.

•

Enzo vomita à revezes, ajoelhado diante da privada do banheiro daquele bar imundo. As vozes de homens conversando animadamente, talheres e louça se chocando ecoam até o cubículo malcheiroso.

Nova ânsia. Um suor abundante inunda-lhe a face e a nuca.

O que será que ele comeu?

Maldita hora em que concordou em ficar na praia para investigar

a lancha. Ele queria mesmo era surfar, mas o clima lhe deu um caixote, mudando repentinamente.

Ele nem se lembra do que comeu.

Tampouco do nome da garota que levou para a cama.

Ele vem até a porta. Chove torrencialmente.

Justo agora em que faltam menos de vinte quilômetros para chegar à construtora. Talvez fosse melhor telefonar. Não encontra o celular.

Deve ter caído no banheiro conclui após apalpar os bolsos da calça.

Lamentando a má sorte retorna para o interior do bar.

A tevê, cuja imagem tem mais sombras que uma casa mal assombrada; transmite flashes do megashow da banda Moo que ainda repercute na cidade.

O ar está viciado. Alguns fumam. O espaço é estreito.

Alguém está usando o banheiro.

Deve ser o caminhoneiro que acabou de estacionar.

Enzo bate à porta.

– Hei? Depressa, por favor!

Não obtém resposta e as náuseas retornaram com força.

Contorna o prédio pelos fundos e vomita junto à parede.

Não vê cinco homens mascarados e armados entrarem no bar.

Assustados, os fregueses erguem os braços não opondo resistência.

– Onde está o dono daquele Corcel?

Mãos trêmulas apontam para o banheiro.

Dois homens do grupo se deslocam e atiram repetidas vezes contra a porta de madeira.

Enzo reconhece aquele som.

São estampidos de arma de fogo e não pingos de chuva.

Um dos executores chuta a porta e vê o homem ensanguentado agonizando. Atira mais uma vez mirando a cabeça do pobre ca-

minhoneiro tomado como alvo por engano.

Enzo presente que corre perigo. Refugia-se no matagal ali perto. Deixou seu revólver no carro. Resta-lhe fazer o sinal da cruz e rezar.

•

A sala de reuniões é ornada por dois quadros imensos.

Um deles uma réplica de “Cristo carregando a cruz” de Hieronimus Bosch e outra do “Nascimento da Vênus” de Boticelli, o preferido de Deigles.

O vice-presidente observa a Vênus que emerge da concha e depois fixa o olhar no diretor de patrimônio.

– Jardel nenhum homem fica sem mulher por tanto tempo – afirma Deigles convicto.

– Gerd, até quando vamos ficar aturando essas baboseiras? – cobra Jardel dirigindo-se ao presidente da empresa.

– Posso contratar umas mulheres para você. Assim você ficará em forma novamente – propõe Deigles nada sutil.

Cilene admira a postura de Jardel.

O diretor de patrimônio da Petra é um homem reservado.

– Poupe-me de suas insinuações descabidas – impõe sisudo. Nem todo mundo respira sexo vinte e quatro horas por dia feito você.

Deigles faz um gesto de consentimento com uma das mãos.

– Não sabe o que está perdendo.

– Devo lembrá-lo que fui casado e sempre leal à minha esposa.

– Mentir na sua idade é muito feio! – provoca-o Deigles.

Os demais acompanham o embate entre os dois com curiosidade.

– Nunca tive outra mulher – reafirma Jardel mais para si mesmo do que para a audiência.

– Eu gosto de variedade – gaba-se Deigles.

– Se a Elizabeth fosse minha esposa eu não me aventuraria mais

– intromete-se Olson, o diretor comercial.

– Ela é comprometida. Desista – brinca Deigles.

Vinicius passa distribuindo páginas impressas para cada um dos presentes, lembrando-lhes que não estão numa terapia de grupo, mas num encontro de negócios.

Antes que Jardel perca a paciência Gerd assume a palavra.

– Como todos sabem temos tido vários problemas no canteiro de obras da hidrelétrica. Gostaria que lessem com atenção nosso último relatório.

Ouve-se o farfalhar das páginas sendo viradas.

– Puxa! Nenhuma mulher de biquíni! Que horror! – chateia-se Deigles.

•

A ruiva que ludibriou o vice-presidente da Petra acomoda-se na banquetta alta de três pés.

Coloridas e confortáveis elas desenham um “S” em torno da bancada de mármore que fica junto à piscina. A chuva afastou os habitués.

O homem que a aguardava pede dois drinques tropicais.

Ela traja uma bermuda curtíssima e suas pernas nuas e provocantes chegam a ofuscar o raciocínio dele.

Olha por um segundo para a pitonisa. Ela lê seus pensamentos.

– Não encontramos nada de relevante – queixa-se retomando a conversa. Na carteira, apenas a identidade e a habilitação.

Aparenta ter cinquenta anos. Cabelos pretos, estrábico de um olho.

– Deveria ter um bom dinheiro também – insinua.

Ela o ignora por alguns segundos enquanto afasta o guarda-chuva que orna o copo. Experimenta a bebida refrescante sugando o canudinho.

– E ninguém falou em deixá-lo nu.

- Ele merecia uma lição!
- O telefone do homem toca.
- Fica aborrecido ao ouvir seu interlocutor.
- Infelizmente ele escapou.

•

Enzo precisa reaver seu celular antes que a polícia apareça. Apesar de o enjoo persistir ele recuperou um pouco das forças. Improvisou uma ferramenta rústica com uma peneira velha que achou no lixo e um arame que pegou no porta-malas. Descendo este gancho pela janela do banheiro, na terceira tentativa, consegue resgatar o aparelho. Respira, aliviado. Essa foi por pouco!

Limpa os resquícios de sangue que respingaram na tela. Apressa-se a evadir o local alcançando o carro e retornando para a estrada. Pouco depois uma viatura chega para apurar o ocorrido.

•

A tempestade se extinguiu deixando um rastro de ar fresco. Uma borboleta imperial pousa delicadamente sobre a rosa ume-decida do jardim que fica em frente ao prédio da construtora. No décimo quinto andar as linhas telefônicas que servem à diretoria tocam simultaneamente.

Ivone e Magda atendem três ligações e colocam a quarta no hold. Olham para Zulma comendo biscoitos, um atrás do outro. Magda saqueia o pacote de biscoitos recheados. A obesa Zulma fica de mãos vazias.

– Dá pra trabalhar mais e comer menos? – questiona jogando o pacote no lixo, um gesto que Zulma acompanha com o olhar de desamparo. – Agora atenda o telefone; entendeu?

Zulma meneia a cabeça como uma criança que acaba de ser re-

preendida pela mãe.

– Como é que é, minha filha?! Mexa-se! – exige Magda.

Zulma atende uma das ligações enquanto Ivone está noutra linha.

– Petra S/A, diretoria, boa tarde? Ele está em reunião. O senhor gostaria de deixar recado?

•

A reunião prossegue de forma tumultuada.

Gerd prioriza trabalhar em equipe.

Conhece a personalidade e a competência de seus subordinados. Sabe como cada um deles chegou a ocupar cada uma daquelas posições e do que são capazes de fazer para manter-se em seus cargos.

Pode jogar com seus limites e ambição. Extrair deles um entusiasmo sem precedentes ou fazê-los se comportar como cachorros de Pavlov.

– A hidrelétrica é nossa! Ninguém pode competir conosco neste mercado! – entusiasma-se Olson Melbourne.

– Você quer dizer lealmente – argumenta com frieza Joelmir, o diretor financeiro.

– O que está querendo insinuar? – demanda Olson.

– Não seja ingênuo! – afirma Jow aborrecido.

– Ele pensa que está na Holanda expondo queijos – caçoa Deigles. Todos os diretores da Petra convivem há um bom tempo e podem expressar livremente suas acaloradas opiniões.

Olson Melbourne é um diplomata nato.

Generoso e prestativo. Os cabelos tem uma cor peculiar.

Herdou o rutilismo do avô, um escocês que migrou para Roterdã antes da I Guerra Mundial. É sempre alvo de piadas por não apreciar Johnnie Walker Red Label e não usar saias.

– Deixe-me lembrá-lo em que mundo nós vivemos: um quinto da

população mundial consome ou negocia drogas, dois terços estão doentes ou famintos – contabiliza Joelmir, que muitos tratam por Jow, desde que voltou dos Estados Unidos, talvez por isso; o mais pragmático do grupo.

– Lá vem você com suas estatísticas! – enfada-se Olson.

Alguns acompanham a reunião em silêncio.

Isto não significa que não deliberem consigo mesmo sobre os rumos que os negócios estão tomando. Estes, que permanecem calados, costumam ser os mais perigosos. Gerd tem suas reservas quanto a Renato Vinicius.

O servidor de Jardel beira uma veneração extremada.

– Sabe do que precisamos? – prossegue Joelmir agressivamente.

De um esquadrão que se infiltre no projeto.

– Mal temos tido verba para pagar as rescisões e você está pensando em montar uma equipe de inteligência do dia para a noite?

– pondera Gerd.

– Podemos começar dando um Porsche Cayenne GTS de lance – insinua Jardel provocando alguns risos na assembleia.

– Leiloe seu carro – revida Deigles.

– Se esta fosse a solução, eu não hesitaria – assegura Jardel.

– Que tal chamarmos o Cesário para esclarecer esse ponto? – sugere Cilene. Não foi ele que negociou as indenizações?

Todos olham para a única representante feminina na sala.

Ela sugeriu o óbvio, mas, por orgulho, nenhum deles admite ser uma excelente ideia.

– Peça para uma das secretárias mandá-lo subir – delibera Gerd.

•

Cesário fica eufórico com o convite de juntar-se à diretoria.

Antes de tomar o elevador instrui suas quatro secretárias.

Está a cargo de um volume imenso de contratos nacionais e inter-

nacionais, motivo pelo qual conta com quatro secretárias. Todas parecem atarefadas e compenetradas em seus computadores, mas tão logo ele se ausenta, as prioridades mudam.

Cecília navega na internet.

Rosana joga paciência e Adriana lixa as unhas.

– Só eu que trabalho aqui; é? – questiona Simone arquivando uma pasta no armário metalizado.

Cecília continua inconsolável checando as mensagens no computador.

– O que o Fox Moo viu nessa tal de Cleonice Vespa?

– Ele não viu nada – garante Rosana. Nem lembra que ela existe.

– Mas a página dela tem cento e sessenta mil acessos!

– Ela logo vai virar celebridade – aposta Adriana conferindo se as unhas estão ficando bem lixadas.

Simone põe a mão na cintura – Hei? Estou falando com vocês!

Cecília, Rosana e Adriana continuam ignorando Simone, acuada no canto esquerdo da sala, onde está instalado o armário de metal.

Quase nem toma sol, mesmo estando rente à ampla janela que segue na horizontal acompanhado a mesa de Simone, Adriana e Cecília.

A mesa de Rosana é perpendicular às delas, a primeira que as pessoas avistam ao entrar no décimo andar da construtora.

– Tá todo mundo lá em cima. Desencana! – aconselha Adriana.

– O Cesário me disse que a reunião de hoje levará horas – confia Rosana.

•

Os diretores fizeram um intervalo para uma rodada de café.

A copeira entra. Guarnece a mesa com alguns bules.

Retorna para a recepção empurrando seu inseparável carrinho.

Computadores de última geração estão dispostos em forma de

“L” sobre móveis de fórmica cinza.

De um deles provem a música suave que enche o ambiente funcional. Apenas uma coluna neoclássica à direita e um aparador Biedermeier destoam das linhas despojadas e marcantes dos móveis.

– E aí? – pergunta Magda afoita. Deu para ouvir alguma coisa?

– Se eles falassem – retruca Fátima separando um bule de café e outro de leite para as três secretárias.

– Petra S/A boa tarde? – atende Ivone fazendo a saudação de praxe.

Ivone aperta o interfone.

– Dr. Gerd, o Enzo está na linha. O Dr. Jardel pode atender? Ele disse que é urgente.

Gerd olha para Jardel. O interfone estava no viva-voz.

Ele se levanta e pede licença.

– Vou atender na minha sala.

Passa pela recepção.

Tão logo o diretor fecha a porta de sua sala, Magda, Ivone e Zulma interceptam a chamada ouvindo o diálogo.

O primeiro ruído é de carros passando velozmente.

Enzo parou no acostamento. Está com o corpo apoiado na lataria do veículo junto à porta dianteira. Certifica-se se não foi seguido.

– Dr. Jardel...

Jardel não gosta do tom de sua voz.

– O que houve?

– Tentaram me matar!

– Você está ferido? – pergunta o diretor após breve pausa.

– Não senhor.

Jardel gira sua cadeira executiva para a direita e observa o movimento na Marginal Pinheiros. O sol voltou a brilhar secando as pistas.